

5.1 Manuscrito 1

Ser mulher e resistir nas ruas: representações sociais sobre violência contra a mulher

Being a woman and resisting in the streets: social representations of violence against women

Ser mujer y resistir en las calles: representaciones sociales de la violencia contra las mujeres

RESUMO

Objetivo: Aprender as representações sociais de mulheres em situação de rua sobre violência contra a mulher.

Método: Estudo qualitativo, descritivo-exploratório, com base na Teoria das Representações Sociais. Realizado com cinco mulheres em situação de rua de uma unidade socioassistencial, no interior da Bahia. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, entre julho e outubro de 2024 e processados no *software* IRAMUTEQ pela interface Classificação Hierárquica Descendente.

Resultados: Os resultados mostraram que as representações sociais das mulheres em situação de rua estão organizadas em torno do processo de luta pela sobrevivência nas ruas, assim como pela naturalização das formas de violência como componente inerente a habitar nesses espaços, sendo o homem considerado o principal agressor. Evidenciando a desigualdade social e os anseios por direitos básicos e reconhecimento.

Conclusão: Apreende-se que as representações sociais das mulheres em situação de rua expressam a naturalização, o medo e a descrença em denunciar as formas de violência contra a mulher que vivenciam nas ruas, por associar a violência como parte inerente à rotina da realização.

Descritores: Violência contra a Mulher. Pessoas em Situação de Rua. Representação Social.

ABSTRACT

Objective: Understand the social representations of homeless women about violence against women.

Method: Qualitative, descriptive-exploratory study, based on the Theory of Social Representations. Conducted with five homeless women from a social assistance unit, in the interior of Bahia. Data were collected through semi-structured interviews, between July and October 2024 and processed in the IRAMUTEQ software through the Descending Hierarchical Classification interface.

Results: The results showed that the social representations of homeless women are organized around the process of fighting for survival on the streets, as well as the naturalization of forms of violence as an inherent component of living in these spaces, with men being considered the main aggressors. This highlights social inequality and the desire for basic rights and recognition.

Conclusion: It is understood that the social representations of women living on the streets express the naturalization, fear and disbelief in reporting the forms of violence against women that they experience on the streets, by associating violence as an inherent part of the routine of living on the streets.

Descriptors: Violence against Women. Homeless People. Social Representation.

RESUMEN

Objetivo: Comprender las representaciones sociales de las mujeres en situación de calle sobre la violencia contra la mujer.

Método: Estudio cualitativo, descriptivo-exploratorio, basado en la Teoría de las Representaciones Sociales. Se realizó con cinco mujeres en situación de calle de una unidad de asistencia social del interior de Bahía. Los datos se recopilaron mediante entrevistas semiestructuradas entre julio y octubre de 2024 y se procesaron en el software IRAMUTEQ mediante la interfaz de Clasificación Jerárquica Descendente.

Resultados: Los resultados mostraron que las representaciones sociales de las mujeres en situación de calle se organizan en torno a la lucha por la supervivencia en la calle, así como a la naturalización de las formas de violencia como un componente inherente a la vida en estos espacios, siendo los hombres los principales agresores. Esto pone de relieve la desigualdad social y el anhelo de derechos básicos y reconocimiento.

Conclusión: Se entiende que las representaciones sociales de las mujeres que viven en situación de calle expresan la naturalización, el miedo y la incredulidad en denunciar las formas de violencia contra las mujeres que viven en la calle, al asociar la violencia como parte inherente de la rutina de vivir en la calle.

Descriptor: Violencia contra una mujer. Personas en situación de calle. Representação Social.

INTRODUÇÃO

Mulheres em situação de rua chegam a esse contexto por múltiplas razões – rompimento de vínculos familiares, pobreza extrema, violência doméstica ou uso problemático de substâncias – e, independentemente do motivo, estão expostas a uma violência que se expressa de forma física, psicológica, sexual e simbólica, sendo esta potencializada pelas desigualdades de gênero já presentes na sociedade⁽¹⁾. Essa combinação de fatores amplia a vulnerabilidade e torna a rua um espaço de alto risco para agressões, exploração e violação de direitos humanos⁽²⁾.

A violência contra a mulher, quando vivenciada por quem não possui moradia, é marcada por descrédito social, medo de represálias e ausência de proteção institucional, o que dificulta a denúncia e perpetua o ciclo de silêncio⁽³⁾. Pesquisas apontam que a invisibilidade social e a estigmatização fazem com que muitas dessas mulheres evitem relatar as agressões, seja por receio de perder poucos recursos de sobrevivência, seja pela falta de confiança nas instituições de apoio⁽⁴⁾.

Apesar de tamanha vulnerabilidade, emergem estratégias de resistência e sobrevivência: formação de redes de apoio entre mulheres, ocupação de espaços coletivos mais seguros, negociação de limites com parceiros ou grupos da rua e o uso criativo de serviços públicos de acolhimento para garantir algum nível de proteção⁽⁵⁾. Tais estratégias

revelam potência e agência, mostrando que, mesmo em cenários de exclusão extrema, essas mulheres elaboram práticas de autocuidado e enfrentamento que precisam ser reconhecidas e apoiadas pelas políticas públicas⁽⁶⁾.

A violência contra a mulher permanece mundialmente reconhecida como um importante problema que envolve a tomada de decisão de ações coordenadas entre governos, organizações sociais e a sociedade em geral para seu enfrentamento, em decorrência dos danos físicos, psicológicos e/ou sofrimento que são causados à mulher⁽⁷⁾. No Brasil, os últimos anos registraram um aumento significativo nos casos de violência contra a mulher, em especial em relação as mulheres que vivenciam o processo de rualização^(8,9).

Habitar nas ruas é considerado um fenômeno social⁽¹⁰⁻¹⁴⁾ que está cada vez mais crescente em relação ao número de pessoas vivendo nas ruas, em especial, as mulheres⁽⁸⁾. O que vem suscitando reflexões, posicionamentos e quebras de estigmas sociais, assim como tem assumido cada vez mais destaque nas discussões científicas atuais decorrente da inquietação de pesquisadores e profissionais que atuam diretamente com essa parcela da população^(8,10), na tentativa de compreender como funciona o universo feminino das mulheres em situação de rua^(7,8,13,14).

É fato que essa população está exposta a vários desafios para existir e resistir nas ruas. Entre eles, destaca-se a violência contra a mulher^(7,8), o preconceito, a invisibilidade social, a falta de acesso a políticas públicas, a desigualdade e a vulnerabilidade social^(10,15,16). Os estudos^(7,8,10,13,15) sugerem que essa população se caracteriza por ser heterogênea, ampla, complexa e permeada por histórias de vidas singulares, ao passo em que é marginalizada, silenciada, invisibilizada pela sociedade e pelas políticas públicas.

Destarte, é no contexto social da situação de rua que se desdobra essa pesquisa, a fim de compreender de um lado a vivência da violência a partir da mulheres e, por outro, a partir da ótica da Teoria das Representações Sociais (TRS)^(17,18) compreender como elas, como sujeitos social, coletivo e político, pensam, sentem e agem diante da violência estando na situação de rua^(19,20).

Outrossim, pensar sobre o universo feminino dessas mulheres em situação de rua sob a ótica da violência contra a mulher é admitir que ela atinge um elevado número de mulheres e impacta os aspectos individuais, sociais e econômicos de suas vidas^(8,10,15,20). Ao passo em que ser mulher nesse cenário é estar exposta e ser alvo de discriminação e preconceito que passam pela invisibilidade perante as políticas públicas, bem como por processos de exclusão e por ações violentas praticadas na rede de relações que existem no contexto da rua⁽⁸⁻¹⁰⁾.

Em face à TRS e sua aplicabilidade a este estudo sobre as representações de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher, revela também a luta dessas mulheres para sobreviver nas ruas e como elas representam a violência contra a mulher. A teoria possibilita desvendar fenômenos do conhecimento do universo consensual e entre as relações sociais, como também suas ações frente a eles. Encontrar pistas a partir do pensamento social de quem vivencia a problemática está alinhado à construção de caminhos para a efetividade no enfrentamento da violência⁽¹⁸⁾.

Apesar da relevância dessa relação, os estudos anteriores^(10,13,15,16,19,20) se concentram principalmente em estudar como a violência contra a mulher afeta mulheres em situação de rua em grandes capitais brasileiras, indicando a necessidade de investigação adicional no contexto das cidades que não estão localizadas nas áreas metropolitanas.

Aprofundar o entendimento das representações de mulheres em situação de rua do interior baiano sobre a violência contra a mulher permitirá aos profissionais das mais diversas áreas desenvolverem intervenções mais precisas e eficazes, adaptadas às necessidades específicas dessas mulheres. Portanto, o estudo contribui teoricamente e oferece um direcionamento prático para aplicar esse conhecimento em intervenções eficazes. Assim, este estudo tem como objetivo apreender as representações sociais de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, descritivo-exploratória, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (parecer nº 6.891.341/2024; CAAE 79251724.5.0000.0055), em conformidade com a Resolução nº 466/2012 e com as diretrizes do *Consolidated criteria for reporting qualitative research* (COREQ).

Quanto ao referencial teórico adotado, utilizou-se a fundamentação teórica e filosófica da TRS orientando-se a partir de sua abordagem processual por Jodelet pois esta contribui para o conhecimento do fenômeno pela ótica do indivíduo a partir da sua vivência e seu sentimento de pertença ao grupo que faz parte⁽¹⁷⁾.

Concebe-se, no presente estudo, que essa abordagem teórica se fundamenta no universo das interações sociais, por meio das quais as representações sociais são construídas e se manifestam na espontaneidade do cotidiano, ou seja, onde se desenrola o acontecimento social⁽¹⁸⁾. Elas surgem quando o novo aparece, ou seja, quando algo que não se conhece e que ameaça a comunicação e interação do grupo é posto⁽²¹⁾.

A característica do objeto desse estudo, por meio da investigação de cunho qualitativo, se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, permitindo apreender um universo de histórias das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, que são consideradas produtos das interpretações que os indivíduos fazem sobre a forma como vivem, sentem e pensam em coletividade, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis⁽²²⁾.

A pesquisa foi desenvolvida em 2024, em equipamento da Proteção Social Especial de Média Complexidade do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), destinado ao atendimento de pessoas em situação de rua, em município do interior da Bahia. A instituição se configura como uma unidade socioassistencial destinada a atender pessoas em situação de rua, oferecendo acolhimento, por meio da garantia do exercício dos direitos fundamentais que são estabelecidos pela Constituição Federal Brasileira^(11,23). Destacam-se os serviços ofertados de alimentação, higiene pessoal, apoio na obtenção de documentos, guarda de pertences e informações sobre direitos e oportunidades de trabalho. Tais práticas são destinadas a qualquer público que habite nas ruas, independente de faixa etária e crença⁽¹¹⁾.

Participaram da pesquisa cinco mulheres, selecionadas pelos critérios de elegibilidade de ter idade igual ou superior a 18 anos, estar em situação de rua, ser atendida na referida instituição durante o período da coleta. Não participaram da pesquisa mulheres que não estavam em condições cognitivas e/ou emocionais ou que não foram localizadas após três tentativas de contato.

Utilizou-se como estratégia de seleção das participantes o método por conveniência, através do contato pessoal. No primeiro contato da pesquisadora com as mulheres elegíveis, confirmava-se os critérios de elegibilidade e prosseguia-se com o convite e as explicações sobre a pesquisa.

Os dados foram coletados pela pesquisadora principal (mestranda em Enfermagem e Saúde que realizou estágio na referida Instituição no período da graduação em Assistência Social em 2018) no período de julho a outubro de 2024. O convite às mulheres indicadas pela gestão da instituição foi realizado de forma presencial, no qual foi apresentado e esclarecido o objetivo da pesquisa e as informações citadas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Quando a participante aceitava o convite, a entrevista era agendada em local de sua preferência e de acordo com a disponibilidade de ambas. O número de agendamentos com cada mulher variou de um a três, em virtude da dinâmica que tipifica a rotina da instituição e acesso das mulheres ao espaço físico. O tempo de duração média das

entrevistas foi de 15 minutos, tempo influenciado pela dificuldade de algumas participantes em detalhar suas respostas, em razão das características de sua vivência em situação de rua.

Como forma de garantir o anonimato, as participantes foram nomeadas pela palavra Participante seguida de números que respeitavam a ordem da realização das entrevistas.

As entrevistas foram realizadas em um local reservado, de escolha das participantes e abordaram perfil sociodemográfico, vivências de rua e percepções sobre violência contra a mulher. Foram gravadas em um dispositivo eletrônico (aparelho celular), transcritas e processadas no *software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (IRAMUTEQ)*, utilizando-se a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) para análise lexical⁽²⁴⁾.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo cinco mulheres com idade média de 40 anos, variando entre 30 e 57 anos. Quanto à raça/cor autodeclarada, três delas se identificaram como pardas e duas como pretas. Todas se reconheceram como cisgênero e orientação sexual heterossexual. Em relação à escolaridade, uma participante era analfabeta, três haviam concluído apenas o Ensino Fundamental I e uma possuía o Ensino Fundamental II. No que se refere ao estado civil, três eram solteiras, uma era viúva e uma vivia em união consensual. Todas declararam professar a religião católica.

As ocupações predominantes incluíram catadoras de material reciclável (2), faxineiras (2) e mendicantes (2), sendo que elas exerciam mais de uma ocupação, todas estavam em acompanhamento psicológico e tinham a renda complementada por programas sociais como o Bolsa Família e o Benefício de Prestação Continuada (BPC).

Quatro das cinco mulheres eram mães, evidenciando responsabilidades familiares. Relataram uso de substâncias psicoativas — álcool, cocaína, maconha, crack e cigarro — com sobreposição de tipos, o que sugere um padrão de consumo generalizado. Apesar disso, nenhuma referiu problemas de saúde específicos e apenas duas mencionaram acesso a atividades de lazer.

Embora o grupo tenha sido composto de forma heterogênea em relação aos aspectos sociodemográficos, destaca-se que as cinco mulheres que participaram da pesquisa se identificaram como pretas ou pardas. Sabe-se que a raça/cor, como um marcador social,

traz consigo desigualdades significativas em saúde quando comparadas à população branca⁽²⁵⁾.

Ao considerar a interseccionalidade, percebe-se que as mulheres negras lidam não apenas com os fatores de vulnerabilidade comuns a todas as mulheres, como a sobrecarga de papéis sociais, a discriminação de gênero e a exposição a diversas formas de violência (física, psicológica, patrimonial e sexual), mas também com as variadas manifestações de racismo (estrutural, institucional, religioso, cultural e ambiental). Essa realidade as impõem desafios adicionais em seu dia a dia, influenciando suas condições de vida e saúde^(26,27). Além disso, as mulheres pretas ou pardas frequentemente enfrentam uma maior exposição a essas dificuldades, evidenciando a interseccionalidade entre raça e gênero⁽²⁵⁾.

No que concerne à CHD, foram identificadas 681 palavras distintas, distribuídas em 78 STs, o que representou um aproveitamento de 83,88% do *corpus* analisado (Figura 1). O número total de ocorrências no *corpus* foi de 2.727, o que inclui todas as palavras repetidas ao longo das entrevistas. Além disso, foram identificados 382 *hapax*, ou seja, palavras que apareceram apenas uma vez no *corpus*.

A interface classificou o *corpus* hierarquicamente, sendo subdividido em dois eixos e quatro classes, que expressam as classes lexicais que conformam as representações de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher. A Figura 1 representa o dendrograma oriundo do processamento em CHD, sendo o *corpus* equiparado por meio de classificações que indicam o grau de semelhança entre os temas conforme o índice qui-quadrado, estando associado ao impacto de cada palavra na classe.

Após a geração da CHD, para fins de análise temática, a partir das quatro classes apresentadas no gráfico, foram definidos dois eixos temáticos principais e um subeixo: o eixo 1, composto pela classe 4; o eixo 2, formado pela classe 1; e, um subeixo com as classes 2 e 3. O eixo 1 abrange as temáticas relacionadas à violência, sendo a classe 4 referente ao ciclo de violência familiar e social. Enquanto o eixo 2, representado pela classe 1 aborda aspectos de violência e silenciamento. Já o subeixo contempla questões ligadas à desigualdade, invisibilidade social (classe 2) e estratégias de sobrevivência e resistência (classe 3). Dessa forma, os grandes temas analisados foram: violência vivenciada por mulheres em situação de rua e falta de políticas públicas, invisibilidade social e estratégias de sobrevivência.

Figura 1 – Dendrograma referente às classes temáticas das representações sociais de mulheres em situação de rua sobre violência contra a mulher obtidas pelo *software* IRAMUTEQ, Bahia, Brasil, 2025.

| Classe 4 – Ciclo de Violência Familiar e Motivações para morar na rua (19/65) 29,23% | | | | Classe 1 – Violência e Estratégias de Resistência (16/65) 24,62% | | | | Classe 2 – Exclusão social e Efetivação das Políticas Públicas (19/65) 29,23% | | | | Classe 3 – Atuação do Estado e Ser mulher nas ruas (11/65) 16,92% | | | |
|--|----|----------------|-----|--|----|----------------|-----|---|---|----------------|-----|---|----|----------------|----|
| Palavra | F | X ² | % | Palavras | F | X ² | % | Palavra | F | X ² | % | Palavra | F | X ² | % |
| Físico | 9 | 17 | 88 | Ficar | 5 | 16 | 100 | Gente | 4 | 16 | 47 | Querer | 13 | 23 | 61 |
| Sexual | 8 | 14 | 87 | Preferir | 4 | 13 | 100 | Tirar | 0 | 9 | 83 | Viver | 11 | 7 | 45 |
| Agressão | 5 | 13 | 100 | Falar | 13 | 11 | 61 | Respeito | 6 | 7 | 100 | Rua | 38 | 5 | 26 |
| Pai | 5 | 13 | 100 | Ameaçar | 3 | 9 | 100 | Rua | 3 | 7 | 42 | Ajudar | 4 | 3 | 50 |
| Violento | 5 | 13 | 100 | Denunciar | 5 | 8 | 80 | Morar | 3 | 4 | 50 | Precisar | 5 | 2 | 40 |
| Mãe | 7 | 12 | 85 | Pior | 4 | 5 | 75 | Medo | 8 | 4 | 75 | Ninguém | 7 | 9 | 57 |
| Mulher | 12 | 9 | 66 | Polícia | 3 | 2 | 66 | Proteger | 1 | 2 | 66 | | | | |
| Psicológico | 6 | 9 | 83 | Ouvir | 3 | 2 | 66 | Prefeito | 6 | 2 | 66 | | | | |
| Sofrer | 8 | 9 | 75 | Espancar | 3 | 2 | 66 | Estuprar | 4 | 2 | 66 | | | | |
| Bater | 13 | 8 | 61 | Apanhar | 6 | 2 | 50 | Combater | 3 | 2 | 66 | | | | |
| Violência | 34 | 4 | 41 | Homem | 9 | 2 | 44 | Cidade | 3 | 2 | 66 | | | | |
| Ameaça | 4 | 4 | 75 | | | | | Ajuda | 3 | 2 | 66 | | | | |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados adaptados do *software* IRAMUTEQ, 2025.

Classe 1 — Violência e Estratégias de Resistência

Essa classe, constituída por 24,62% dos STs (16 segmentos do total de 65), destaca a relação entre sofrer a violência, o medo de denunciar e as diferentes estratégias adotadas para resistir à violência sofrida. Palavras como “ficar, preferir, falar, ameaçar, denunciar, pior, polícia, ouvir, espancar, apanhar e homem” indicam uma escolha por não relatar agressões, seja por medo ou descrença nas autoridades. Isso pode ser observado nos STs a seguir:

Mas já fui abusada na rua e ainda espancada, já tive minhas roupas tudo queimada por um namorado louco, fora quando a gente ganha dinheiro e tem que dar pros vigias, aí sim é violência ficar sem nada e ainda ser ameaçada (Participante 2, 30 anos; Score: 52.83).

[...] já denunciei no CAPS, mas não deu em nada e ainda chamaram o homem pra falar, aí que apanhei de novo e com minha mãe também falaram pra ela que ela me bateu (Participante 2, 30 anos; Score: 31.74).

[...] mas nunca fiz sendo bem sincera, a gente tem medo de denunciar, eu tenho até hoje quando apanho na rua prefiro dizer que caí aqui pras meninas do POP do que falar que apanhei, porque tudo vira confusão (Participante 1, 57 anos; Score: 47.69).

[...] que chumbo trocado não dói. Porque quando a gente bebe e fuma, o pessoal não dá muita atenção ao que a gente fala, então prefiro bater do que ficar indo atrás de polícia (Participante 3, 35 anos; Score: 63.67).

[...] e já fui ameaçada, na verdade sou ameaçada todos os dias, mas nem ligo mais [...] eu denunciei na polícia, na DEAM, mas não de em nada, porque eu não sabia descrever direito o homem (Participante 3, 35 anos; Score: 29.96).

Nas falas oriundas desta classe, nota-se que as estratégias utilizadas pelas mulheres que objetivam interromper a violência e os conflitos oriundos de seus agressores, assim como as estratégias de enfrentamento adotadas por elas que acabam revelando uma certa aceitação da violência em virtude de fatores como estigma social, medo de represálias e descrédito nas instituições, e desta forma acabam na maioria das vezes hesitando em denunciar tais agressões. Esse receio pode ser exacerbado pela falta de acesso a informações sobre seus direitos e aos serviços disponíveis para apoio, ou até mesmo conhecimento da rede de enfrentamento à violência contra a mulher.

Nota-se, portanto, que no primeiro momento, as mulheres em situação de rua e de violência tentam resolver por si mesmas a situação de violência, reagindo às agressões com agressões, justificando as marcas da violência ou até mesmo aceitando as formas de violência por desacreditar que a denúncia resolveria o problema. Estudos apontaram que apenas quando tais tentativas falham, as mulheres em situação de rua e de violência procuram assistência perante as unidades públicas da Assistência Social, familiares, amigos ou finalmente buscam ajuda nas Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAMs) ^(13,20,26,28). Esses achados sugerem que a mulher em situação de rua tem medo de denunciar os episódios de violência que vivenciam, por não confiarem na proteção do Estado e nos encaminhamentos que as autoridades dão a essas denúncias⁽¹³⁾.

Constatou-se através das falas das participantes da pesquisa que a violência está diretamente relacionada à rotina da realização. No entanto, muito embora a violência esteja imbricada na rotina diária de mulheres em situação de rua, a maioria enfrenta esse fenômeno

por conta própria, evidenciando o medo da exposição ou represálias, a falta de confiança na justiça e o medo do próprio agressor ou agressora.

Classe 2 — Exclusão Social e Efetivação das Políticas Públicas

Composta por 29,23% dos STs (19 segmentos), essa classe aborda a falta de efetivação das políticas públicas e o sentimento de invisibilidade das pessoas em situação de rua. Palavras como “gente, tirar, respeito, rua, morar, medo, proteger, prefeito, combater, cidade e ajuda” indicam uma luta por reconhecimento e proteção. Os STs a seguir reforçam a análise:

Rapaz, só se tirar a gente da rua [...] O povo nem acha que a gente é ser humano, trata mal mesmo, todo dia alguém joga uma coisa em mim na rua, já acostumei (Participante 2, 30 anos; Score: 63.68).

[...] mas pra combater só se você trazer o prefeito pra ver a gente [...] mas acho que só se tirar a gente da rua, acho que não só conhecer não, porque muita gente conhece e não faz nada (Participante 2, 30 anos; Score: 55.43).

Acho que só acaba a violência assim, saindo das ruas, não diria transformar, mas pode fazer a gente entender que tem que sair da rua e lutar pelos nossos direitos, falta muito isso na gente, confiança e coragem pra mudar nossa realidade (Participante 5, 39 anos; Score: 41.81).

A gente precisa de mudança de verdade nas ruas, organização nas ruas e que os governantes olhem pras ruas com respeito, porque também somos da cidade mesmo sendo excluídos (Participante 4, 39 anos; Score: 42.05).

Viver na rua dói, machuca, tira da gente o respeito pela gente mesmo, faz a gente se sentir um cachorro sabe, às vezes nem um cachorro, porque com ele o pessoal ainda chama, dá água e até comida agora o pessoal dá (Participante 1, 57 anos; Score: 49.28).

Tais circunstâncias foram demarcadas por sentimentos negativos e sugerem um esforço por parte das mulheres em ser vistas e protegidas nas ruas. Vale destacar que a situação de mulheres vivendo nas ruas é profundamente influenciada por diversos determinantes sociais de saúde (DSS)⁽³⁰⁾. A pobreza, marcada pela falta de acesso a recursos básicos e oportunidades, é um dos principais fatores que conduzem muitas mulheres à condição de rua. Ressalta-se a desigualdade de gênero como agravante da situação, pois mulheres em contextos empobrecidos enfrentam maiores riscos de violência doméstica, exploração sexual e discriminação, o que pode levar à marginalização e, eventualmente, à vida nas ruas. Além disso, a ausência de suporte social e redes de apoio, combinada com a falta de acesso a serviços de saúde adequados, contribui para a vulnerabilidade dessas mulheres^(8,10,12,15,19,30).

Nesse contexto de vulnerabilidade social, estudos sugerem que os DSS que mais influenciam na ocorrência da violência contra a mulher se relacionam ao baixo nível de escolaridade, condição socioeconômica desfavorável e desemprego, o que afetam as mulheres não só fisicamente, mas psicologicamente ^(8,10,19,28,30).

Conforme discutido na literatura, a prostituição e o uso de drogas ilícitas também são determinantes críticos, expondo mulheres a condições de vida precárias, violência física, sexual, moral e psicológica, além de sérios problemas de saúde física e mental^(8,12,15). Esses fatores, interligados, criam um ciclo de vulnerabilidade que dificulta a saída das mulheres da situação de rua, ressaltando a necessidade de abordagens integradas que considerem os múltiplos aspectos sociais, econômicos e de saúde que contribuem para essa realidade^(8,19,28,30).

Estes dados reforçam a necessidade de efetivação de políticas públicas em setores como educação, saúde, habitação e trabalho, o que expressa mais uma forma de violência e desigualdade social vivenciada pelas mulheres em situação de rua, resultando em um sentimento de invisibilidade, silenciamento e exclusão social^(28,30).

Classe 3 — Atuação do Estado e Ser mulher nas ruas

A Classe 3, que representa 16,92% dos STs (11 segmentos), aborda a realidade cotidiana de ser mulher e resistir nas ruas e reforça a ausência do Estado pela falta de efetivação das políticas. Palavras como “querer, viver, ajudar, precisar e ninguém” refletem a luta diária para sobreviver e a falta de apoio efetivo, isso pode ser notado nas falas das entrevistadas:

Na rua tudo é mais complicado, combater teria que mudar toda a organização da rua e ninguém quer ter esse trabalho, acho que a gente precisa conhecer mais nossos direitos pra aí sim evitar a violência na rua (Participante 4, 39 anos; Score: 41.89).

[...] A vida já tá muito difícil, acho porque a gente já vive na violência da rua, aí junta o povo que quer bater na gente quando a gente deita em frente de loja, grita, ameaça, chama logo a polícia. (Participante 1, 57 anos; Score: 47.51).

[...] mas com a gente da rua parece que somos transparentes, somos ignorados, desrespeitados, somos tipo os leprosos da bíblia sabe, ninguém quer a gente por perto, eu diria que viver na rua é desumano, é uma violência contra qualquer pessoa (Participante 1, 57 anos; Score: 36.41).

A mulher que vive na rua ela já está sendo violentada pelos governantes porque a rua não é lugar de ninguém morar, a violência já começa aí (Participante 5, 39 anos; Score: 24.50).

Se tivessem mil formas de violência a gente estaria exposto à todas, viver nas ruas é desumano, um perigo diário (Participante 5, 39 anos; Score: 13.41).

As falas das mulheres em situação de rua evidenciaram que viver nas ruas é um reflexo desumano da fragilidade de nosso sistema social, o que corrobora com pesquisas^(13,28) ao afirmarem que as mulheres que fazem das ruas seu espaço de moradia, precisam resistir para existir e sobreviver, pois são afetadas em várias esferas da vida, contemplando aspectos pessoais e sociais, e estes influenciam muito o projeto e a qualidade de vida.

De tal modo, embora suas trajetórias de vida apresentem semelhanças e diferenças, tornou-se claro em seus relatos que ser mulher nas ruas exige de cada uma delas um sentimento de autoproteção e de valorização de si. Suscitando a necessidade do fortalecimento e do empoderamento feminino, para que assim elas possam ter acesso aos seus direitos, por meio das políticas públicas institucionalizadas e regulamentadas, e principalmente ao exercício da cidadania. Para tanto, compete ao Estado a garantia efetiva dos processos de inserção, fortalecimento e regulação das práticas sociais emancipatórias, que necessitam de políticas transversais e interseccionais que dialoguem com a realidade, considerando as mulheres em processo intenso em suas singularidades^(8,10,28,29).

Na mesma direção desse resultado, estudos verificaram que a falta de apoio familiar e/ou institucional, assim como a dependência financeira para o seu sustento e para o dos filhos, são motivos que justificaram o fato de algumas mulheres não conseguirem enfrentar essa situação e sair das ruas. Logo, as relações pessoais e sociais funcionaram como suporte para enfrentamento das dificuldades e situações de risco que ameaçavam ou danificavam o bem-estar e a qualidade de vida das mulheres em situação de rua. Ademais, essa rede de apoio possibilita superar as condições de violência contra a mulher e vulnerabilidade que a realização oferta^(8,13,19,20,28).

Classe 4 — Ciclo de Violência Familiar e Motivações para morar na rua

A Classe 4, que representa 29,23% dos STs (19 segmentos), destaca as múltiplas formas de violência sofridas dentro e fora de casa, e identifica as motivações dessas mulheres para morar na rua. Palavras como “físico, sexual, agressão, pai, violento, mãe, psicológico, sofrer e bater” indicam um ciclo contínuo de abuso que se perpetua no ambiente familiar e social como pode ser visto nos fragmentos a seguir:

Meu pai é violento demais e minha mãe aceitava tudo dele e eu não quis aceitar mais por isso saí de casa [...] em casa eu sofria agressão física, ameaça, abuso psicológico e abuso financeiro (Participante 3, 35 anos; Score: 108.99).

Eu mesma saí de casa por causa de conflito. Meus pais me batiam demais, principalmente meu pai, tudo era porrada, não podia fazer nada (Participante 3, 35 anos; Score: 37.98).

Ah demais, eu nasci, vivi e vivo na violência. Meu pai batia na minha mãe e me batia, e meu falecido marido também me batia direto, até o dia que não aceitei mais e devolvi (Participante 1, 57 anos; Score: 68.16).

Eu sempre e minha mãe também. Cresci vendo minha mãe apanhar dos vigias, dos homens que moram nas ruas e até de mulheres, porque mulher também faz violência contra a mulher (Participante 2, 30 anos; Score: 50.00).

Principalmente a violência sexual, violência física, violência patrimonial e violência psicológica. Na rua ninguém é dono de si e nem de seus pertences [...] ninguém deveria morar na rua (Participante 5, 39 anos; Score: 47.22).

Observa-se que as histórias de vida que precedem a situação de rua são notadamente marcadas por um histórico de pobreza, experiências de violência no âmbito familiar, problemas de saúde mental, dependência de álcool e outras substâncias, além de carência de afeto e rupturas nos laços familiares e sociais. Nessa direção, cada mulher deste estudo enfrentou, ao menos, duas dessas adversidades.

Nas trajetórias de vida das mulheres em situação de rua, as pesquisas sugerem que é importante destacar os conflitos de forças e poderes dentro do contexto familiar. Muitas vezes, parentes e companheiros tentaram impor um controle sobre suas vidas, o que limitou suas escolhas e, em algumas situações, dificultou a conquista da autonomia, propiciando que as mulheres enxergassem as ruas como um espaço de liberdade e autonomia^(7,8,10,13,28).

Essas observações são corroboradas por estudos, que mostraram que a condição de estar em situação de rua entre as mulheres é frequentemente resultado de agressões e violências, incluindo a violência sexual, que ocorrem no âmbito doméstico e familiar, justificando que elas escolham a rua como refúgio para se afastar dos conflitos no ambiente doméstico. Assim como a quebra de laços sociais, aliada à falta de redes de apoio suficientemente sólidas para auxiliar na reorganização da vida, juntamente com a escassez de recursos financeiros e a ausência de instituições que garantam segurança e proteção, traçaram o caminho que levou muitas delas à situação de rua. Portanto, considera-se essencial ampliar a discussão sobre a vida das mulheres em situação de rua, direcionando novos olhares para pesquisas futuras sob a ótica das vulnerabilidades relacionadas à renda e à habitação^(7,8,28).

Nessa perspectiva, o estudo contemplou o pressuposto de que as representações sociais (RS) de mulheres em situação de rua, assistidas por uma unidade socioassistencial, se originam do conhecimento consensual, pautadas em suas rotinas de realização e de suas conversações no grupo de pertença.

Como também a abordagem processual da Teoria das Representações Sociais contribuiu para a apreensão do entendimento da violência contra a mulher sob a ótica, das mulheres em situação de rua, entre suas concepções, relatos de mulheres que vivenciam o processo de realização e as repercussões das formas de violência associadas às práticas de enfrentamento por parte delas. Assim, os conteúdos representacionais dessas mulheres sob a

problemática foram analisados a partir da CHD e apresentaram propriamente as dimensões conceitual, afetiva e atitudinal das representações sociais das mulheres em situação de rua.

O estudo mostrou que as representações sociais de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher são construídas processualmente, legitimadas por meio das conversações sobre o objeto de estudo postulado e apreendidas pelo grupo de pertença, visto que, os discursos construídos assemelham-se. Por sua vez, a dimensão conceitual evidencia elementos que perpassam o conceito de violência contra a mulher como: ações de abuso sexual, agressões físicas e verbais, além de ações que afetam o psicológico e a participação social da mulher em situação de rua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por intermédio deste estudo foi possível apreender os conteúdos representacionais de mulheres em situação de rua sobre a violência contra a mulher, evidenciando o conhecimento socialmente construído em torno das trocas, vivências e autoproteção territorial que se encontram inerentes ao processo de realização.

As mulheres em situação de rua representam o homem como principal agressor da violência contra a mulher, a partir das expressões da naturalização, do medo e da descrença em denunciar as formas de violência que vivenciam. Assim como as mulheres associam a agressões físicas, sexuais, verbais, psicológicas, e patrimoniais à rotina de habitar nas ruas, uma vez que a violência dita e organiza formas de pensar, sentir e agir dessas mulheres, inclusive na necessidade de reconstruir e (re)visitar fenômenos que significam e ressignificam suas identidades, diante das estratégias que elas traçam em torno da violência e da forma de autopreservação.

Ressalta-se que os achados explicitados oportunizam a reflexão de uma temática expressiva, que é a violência contra a mulher, sobretudo em tempos críticos, ocasionados pelo aumento da população em situação de rua no território brasileiro. No contexto emergencial, o cuidado à mulher admitida por ação da violência contra a mulher representa ao Estado e aos profissionais um desafio iminente, tendo que simultaneamente lidar com os impactos causados pela violência à saúde dessas mulheres.

Destarte, a realidade dessas mulheres é marcada também por um contínuo processo de exclusão e invisibilidade social. Elas transitam por espaços públicos, mas permanecem à margem do olhar social e institucional, como se suas existências fossem naturalizadas em um cenário de abandono. Essa invisibilidade reforça estigmas, dificulta o acesso a serviços de saúde, proteção e assistência social, e contribui para a perpetuação de ciclos de violência.

Reconhecer essa exclusão é essencial para romper barreiras históricas e para que as políticas públicas se tornem, de fato, instrumentos de inclusão e promoção de direitos.

Dada a estreita relação desse grupo populacional com as desigualdades sociais em saúde e a precariedade no acesso à assistência social, é fundamental que as políticas públicas se aproximem desse público-alvo tanto na prática quanto na pesquisa. Assim, espera-se que, ao propor essa iniciativa, a área de conhecimento em questão fundamente suas ações em evidências científicas, visando qualificar o cuidado e a assistência, especialmente para participantes do presente estudo.

Destaca-se a relevância do trabalho, evidenciando a importância das políticas públicas neste momento, desde as políticas de segurança, que se tornam urgentes considerando as constantes violações de direitos e outras formas de violências nas ruas, até as políticas de assistência social e segurança alimentar e nutricional, que buscam garantir o acesso e a efetivação das necessidades socioassistenciais.

É importante sublinhar que a compreensão das representações sociais das mulheres em situação de rua sobre a violência revela um claro processo de denúncia frente ao intolerável deste cenário social. Esse quadro pode ser, em grande parte, transformado por meio de políticas afirmativas e pela interseccionalidade nas práticas das políticas sociais, que visam consolidar novas formas de atuação. Tais práticas são fundamentadas no acolhimento, no mapeamento e na identificação das demandas específicas, que, embora pontuais, refletem o desejo de autonomia, dignidade e respeito dessas mulheres.

A convivência com essas mulheres em situação de rua ampliou a perspectiva sobre a questão da violência no espaço das ruas. Revelou que, apesar das especificidades do universo feminino, as políticas e programas voltados para a população em situação de rua ainda não contemplam, de forma consistente, as particularidades de ser mulher e habitar nas ruas. Por isso, defende-se a importância de um entendimento mais profundo desse fenômeno, a fim de enriquecer o debate entre os diversos atores envolvidos na formulação de políticas, estratégias de assistência e de empoderamento social.

REFERÊNCIAS

1. Silva MS et al. Determinantes sociais e gênero: vulnerabilidade de mulheres em situação de rua à violência. *Cad Saúde Pública*. 2024;40(3):e00123423.
2. Organização Pan-Americana da Saúde. *Violência de gênero e saúde pública*. Brasília: OPAS; 2023.
3. Nascimento ES, Oliveira DF. Barreiras para denúncia de violência em mulheres sem moradia. *Rev Bras Saúde Mater Infant*. 2025;25(1):1-10.
4. Santos R, Carvalho L. Invisibilidade e estigma na atenção a mulheres em situação de rua. *Rev Soc Bras Med Fam Comun*. 2024;19(2):45-52.

5. Honorato F, Oliveira P. Estratégias de sobrevivência feminina em contextos de rua. *Interface (Botucatu)*. 2024;28:e230450.
6. Jodelet D. Representações sociais e práticas de resistência em grupos marginalizados. *Psicol Soc*. 2023;35:e02245.
7. Santos IBD, Leite FMC, Amorim MHC, Maciel PMA, Gigante DP. Violence against women in life: study among Primary Care users. *Cien Saude Colet*. 2020 May;25(5):1935-1946. English, Portuguese. doi: 10.1590/1413-81232020255.19752018. Epub 2020 May 8. PMID: 32402032.
8. Esmeraldo AFL, Ximenes VM. Mulheres em Situação de Rua: Implicações Psicossociais de Estigmas e Preconceitos. *Psicol cienc prof [Internet]*. 2022;42:e235503. Available from: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003235503>
9. Sarmiento CS. “Por que não podemos ser mães?”: tecnologias de governo, maternidade e mulheres com trajetória de rua. *Ufrgsbr [Internet]*. 2020 [cited 2025 Mar 01]; Available from: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/212984>
10. Nardes S, Giongo RC. Mulheres em situação de rua: memórias, cotidiano e acesso às políticas públicas. *Revi Estudos Feministas*. 2021; 29:e66011.
11. Ministério do Desenvolvimento Social (BR). Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua - Centro POP. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social; [cited 2025 Jan 4]. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/acessar-centro-pop-centro-de-referencia-especializado-para-populacao-em-situacao-de-rua>.
12. Ribeiro KG, Andrade LOM de, Barreto IC de HC, Raquel SP, Munoz TL, Santos C. Determinantes Sociais da Saúde dentro e fora de casa: captura de uma nova abordagem. *Saúde debate [Internet]*. 2024;48(140):e8590. Available from: <https://doi.org/10.1590/2358-289820241408590P>
13. Cúnico SD, Giongo CR, Lazzari C, Passini ES, Pinheiro SS. Mulheres em situação de rua e vivências de violências: um estudo no sul do Brasil. *Gênero*. 2025;25(2):301-23.
14. Mário S. O direito à cidade da população em situação de rua e os espaços públicos. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento [Internet]*. 2020 Nov 20 [cited 2025 Mar 13];10(11):42–66. Available from: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/lei/situacao-de-rua>
15. Silva MLB da, Bousfield AB da S, Giacomozzi AI, Leandro M, Cavaler CM. violência para mulheres em situação de rua. *Psico*. 2022 Nov 25;53(1):e37621.
16. Martins J, Lagreca A, Bueno, S. Femicídios caem, mas outras formas de violência contra meninas e mulheres crescem em 2021. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022, 2022*. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/10-anuario-2022-femicidios-caem-mas-outras-formas-de-violencia-contra-meninas-e-mulheres-crescem-em-2021.pdf>
17. Jodelet D. Ponto de vista: sobre o movimento das representações sociais na comunidade científica. *Temas em Psicologia [Internet]*. 2024;19(1):19–26. Available from: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2011000100003
18. Moscovici S. Representações sociais: Investigações em psicologia social. RJ: Vozes, 2015.
19. Coldibeli LP, de Paiva FS, Batista CB. Gênero, pobreza e saúde: Revisão sistemática sobre a saúde de mulheres em situação de rua. *Textos & Contextos PUCRS*. 2021; 20(1):1-14.
20. Pereira OL, Magalhães LC, Lopes DMC. Gênero e vivências: relação de mulheres em situação de rua com a sexualidade, violência e gravidez. 2021;(5):151-162.

21. Vilamaior AG, Maria. Teoria das representações sociais: Enfoque técnico, metodológico e epistemológico / Social representations theory: Technical, methodological and epistemological approach. *Brazilian Journal of Development* [Internet]. 2022 Jan 17 [cited 2025 Mar 13];8(1):4608–18. Available from: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/42836>
22. Minayo MC de S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa* [Internet]. 2017 Apr 1;5(7):1–12. Available from: <https://editora.sepq.org.br/tpq/article/view/82>
23. de M. Prefeitura de Jequié promove ação integrativa alusiva aos festejos natalinos para pessoas em situação de rua | Prefeitura Municipal de Jequié - Site Oficial [Internet]. Prefeitura Municipal de Jequié - Site Oficial. 2025 [cited 2025 Mar 13]. Available from: <https://www.jequie.ba.gov.br/noticias/2022/12/prefeitura-de-jequie-promove-acao-integrativa-alusiva-aos-festejos-natalinos-para-pessoas-em-situacao-de-rua>
24. Carvalho DNR, Neves LNA, Sobrinho CRO, Aguiar VFF, Ferreira LGS, Orlandi AAS et al. A glance at the use of IRaMuTeQ® software in scientific research: a bibliometric study. *Rev Enferm UFPI* [Internet]. 2024 Jan 25 [cited 2025 Sep 02];13(1). Available from: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/4280>
25. Anunciação D, Pereira LL, Silva HP, Nunes APN, Soares JO. (Des)caminhos na garantia da saúde da população negra e no enfrentamento ao racismo no Brasil. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2022;27(10):3861–70. <https://doi.org/10.1590/1413-812320222710.08212022>
26. Mekawi Y, Carter S, Brown B, Andino AM, Fani N, Michopoulos V, et al. Interpersonal trauma and posttraumatic stress disorder among black women: does racial discrimination matter? *J Trauma Dissociation*. 2020;22(2):154-169. <https://doi.org/10.1080/15299732.2020.1869098>
27. Crear-Perry J, Correa-de-Araujo R, Lewis Johnson T, McLemore MR, Neilson E, Wallace M. Social and structural determinants of health inequities in maternal health. *J Womens Health (Larchmt)*. 2021;30(2):230-5. <https://doi.org/10.1089/jwh.2020.8882>
28. Temponi SRN, Ribeiro LP, Pinheiro TMM, Carvalho SM. “Tudo é violência, viver é violência!”: representações sociais e vivências de mulheres em situação de rua. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde* [Internet]. 2022 Nov 30 [cited 2023 Oct 25];11:e4027–7. Available from: <https://journals.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/4027>
29. Tilio RD, Machado LF. Representações sociais sobre mulheres em situações de violência por uma equipe multiprofissional. *Revista Brasileira de Segurança Pública*. 2023 Aug 1;17(2):222–39. Disponível em: <https://revista.forumseguranca.org.br/rbsp/article/view/1594>
30. Pereira BC, Bem MM da S, Godinho MLS da C. Determinantes sociais da saúde e sua influência na vida de mulheres vítimas de violência doméstica. *Global Academic Nursing Journal*. 2020;1(2). Disponível em: <https://www.globalacademicnursing.com/index.php/globacadnurs/article/view/10>